

ENSAIO

# Sobreviver na era da indiferença

**Em narrativa marcada por lucidez e coragem, Bauman e Donskis denunciam fragilidades do mundo moderno**

**IRACEMA SALES**

Repórter

Em “Cegueira moral – a perda da sensibilidade na modernidade líquida” (Editora Zahar, 263 páginas, tradução de Carlos Alberto Medeiros), último livro lançado no Brasil do sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, em parceria com o filósofo e cientista político lituano, Leonidas Donskis, ambos discorrem sobre os fenômenos que se abatem sobre o mundo contemporâneo e constatam que a sociedade vive “a era da indiferença”. Em outras palavras, as pessoas estão se tornando insensíveis ao sofrimento alheio e perdendo a compaixão pelo outro, fato que pode ser observado no cotidiano, fazendo cair por terra o conceito de comunidade.

No lugar, surgem as redes, a exemplo das inúmeras oferecidas no mundo virtual, que fun-

cionam como meros escoadouros do exercício à intolerância.

Para os pensadores, a indiferença é gerada pela nova face do medo: antes o homem temia o ataque de animais ou mesmo os castigos divinos, hoje teme o semelhante. Nesse sentido, o medo assume as máscaras da fraqueza e da invisibilidade, não estando mais associado apenas às guerras ou às ideologias totalitárias.

O mais grave é que “hoje, o mal não escolhe Hitler ou Stalin como personificação, mas assume as formas anônimas da rudeza e do não conhecimento”, escreve Donskis, afirmando ser mais difícil identificar o mal nos dias atuais. Apresenta-se de maneira subliminar ou explicitamente na mídia, no discurso político ou na propaganda dos partidos, terminando por contribuir para as suas falências. “A política não é o único segmento da multifacetada atividade humana no mundo a ser afetado por insensibilidade moral”.

Em tom quase apocalíptico, Bauman e Donskis esboçam o desenho de uma sociedade, tendo como ponto de partida a Europa contemporânea, acuada entre o medo e a apatia. Para mostrar que nem tudo está perdido, apontam alguns caminhos: investir na formação de laços sociais sólidos. A tarefa não é fácil na “modernidade líquida”, avisa.

Outra marca da sociedade contemporânea identificada pelos pensadores, nascidos no Leste europeu, é o lema do “faça você mesmo”, seguindo a tendência do “salve-se quem puder” em um mundo no qual a escolha se tornou o destino. As pessoas não têm opção, sendo levadas a assumir uma atitude blasé em torno da vida, perdendo assim a sensibilidade



Conhecido como “o pensador do pessimismo”, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman reforça, em “Cegueira moral” sua preocupação com a crise europeia

de e o discernimento, diante de uma avalanche de informações. Nesse sentido, falta tempo para a construção de laços sociais fortes, materializados em amor ou amizade.

Ao longo do livro, escrito a quatro mãos e dividido em cinco capítulos, é possível identificar uma sincronia entre os dois autores, não apenas na forma de pensar, mas também na abordagem histórica. O uso de algumas obras artísticas, em especial na literatura e no cinema, é um recurso recorrente, enquanto travam um bate-papo entre si e os leitores.

Conforme Bauman privacidade, intimidade, anonimato e direito ao sigilo são elementos que passam ao largo do que chama “sociedade dos consumidores”. Nela, ser visto é a condição essencial para a existência dos indivíduos, que têm na internet mais opções de mercado.

A abordagem dos temas é profunda, sendo escritos de maneira simples, direta, mas sem perder a erudição. A conversa é pontuada por questões envolvendo desde o fim dos partidos políticos, o destino da política, a cultura do medo, as diferenças entre as gerações X, baby boomer e Y, o fim da linguagem, bem como a situação sócio-política e cultural da Europa, que está criando uma nova categoria de intelectuais: os errantes ou independentes.

“São pensadores globais que sonham em se tornar ativistas locais, mas não necessariamente em seus ambientes imediatos”, explica Donskis, completando que, paradoxalmente, houve um tempo em que era privilégio figurar na lista dos intelectuais independentes. Talvez equivaleria a ser um artista maldito. Alguns pensadores europeus como Descartes, Spinoza, Locke, Lei-



bniz, Voltaire e Diderot preferiram enveredar por outros caminhos, servindo como educadores de aristocratas ou reis, a ficar à mercê das universidades. Ganharam o status de pensadores independentes, o que não aconteceu na modernidade líquida.

Hoje, são conhecidos como “pesquisadores desempregados” ou para ser politicamente correto, estão à disposição do mercado, como são apresentadas as pessoas sem emprego.

Ciganos, errantes ou independentes, a realidade é que cresce o número de intelectuais desvinculados das instituições acadêmicas. E hoje, diferentemente da era de Voltaire ou Descartes, a situação mudou. “Sua vida profissional e toda a sua existência são consideradas legítimas enquanto houver uma instituição por trás de você”. Sem isso, o pesquisador perde elementos de sua identidade e se torna um ninguém, completa. Na atual conjuntura, os pensadores citados não passariam de charlatães.

### Medo

No arcabouço social que não poupa ninguém, seja operário, migrante ou pesquisador cigano, é que se desenvolve a era da indiferença, que não acontece por acaso. Possui raízes no medo, um dos elementos que integram o projeto da modernidade, apostou todas as suas fichas no progresso, sobretudo tecnológico, como revela Bauman, que vai ainda mais longe na análise. Condena o estado de apatia, por ser perigoso, uma vez que torna a pessoa indiferente ao sofrimento humano. Isto é, não sente mais nada. Sequer ódio, muito menos amor ou solida-

### LIVRO



Cegueira moral - A perda da sensibilidade na modernidade líquida

Zygmunt Bauman e Leonidas Donskis

Tradução: Carlos Alberto Medeiros

ZAHAR

2014, 263 páginas

R\$ 49/ R\$ 32,90 (e-book)

riedade. Nesse contexto se encontram os jovens da geração Y, que diferem daqueles das gerações baby boomer e X, justamente pela ausência de ilusões. Para eles, a vida está em outro lugar, não no emprego.

“A história das relações humanas é sempre cíclica: elas nascem, se desenvolvem, fenecem e morrem. Mas a esperança está no fato de que, como já observamos, existe alguém que rompe esse ciclo e o supera, uma pessoa amada ou amiga”, escreve Donskis. A superação do ciclo de vida das relações humanas e sua extinção constituem a essência do amor e da amizade, verdadeiras luzes no fim do túnel da modernidade líquida.

Conhecido como o pensador do “pessimismo”, Bauman revela que essa fama já ganhou o mundo. Assim como sua obra e pensamento. Admite a pergunta que mais respon-

de por ocasião de aulas e palestras que ministra é “o porquê de ser pessimista”, o que para outros assume o tom de excesso de lucidez.

### Crise europeia

Sem pintar a realidade cor-de-rosa, Bauman e Donskis demonstram mais convergências nos pensamentos apresentados. No entanto, em determinado momento, o mestre não concorda com o amigo. É quando o lituano, integrante do Parlamento Europeu, acusa a Europa de algumas vezes parecer “os Estados Unidos fracassados”. Eis que Bauman sai em defesa do Velho Mundo. “A Europa foi capaz de aprender, e de fato aprendeu, a arte de conviver com os outros. Na Europa, como em nenhum outro lugar, o outro é o vizinho da porta ao lado ou da frente, e os europeus, queiram ou não, devem negociar os termos dessa vizinhança a despeito das diferenças e alteridades que os esperam”. Na sua opinião, só a amizade e a solidariedade vigorosa podem emprestar uma estrutura estável à coexistência humana.

No momento, os europeus não estão sabendo como fazer para continuar a realizar essa vocação, argumenta, discordando da análise do filósofo lituano. Lembra da história do continente marcada por guerras sangrentas. Cita as baixas

da Primeira Guerra Mundial, que está completando 100 anos em 2014, bem como as mais recentes, fazendo alusão ao Leste europeu, além da Iugoslávia e Bósnia, e, das questões etnoculturais. “Coube agora a todos nós europeus, contudo, vivermos numa era de diáspora crescente e incontrollável, com a expectativa de que todas as regiões da Europa se transformem em bandos de populações mistas”.

As últimas previsões demográficas atestam que a população da União Europeia deve encolher de 400 milhões atuais para 240 milhões nos próximos 50 anos. O continente precisará da injeção de 30 milhões de estrangeiros para continuar sobrevivendo. “É hora de considerar se o passado da parte geograficamente central do continente não seria o futuro da política e da cultura europeias” que, no momento, passa por uma crise em todos os setores da sociedade. Desde aspectos mais subjetivos, como a dificuldade em aceitar novos habitantes, tanto migrantes de outros países quanto de outras regiões da própria comunidade europeia, passando pela crise política e econômica. Para alguns historiadores, conforme Donskis, a decadência da Europa começou logo após o fim do primeiro conflito mundial, em 1918, atribuído à modernidade. “A civilização é o último estágio de uma cultura ciclicamente existente, sua retirada silenciosa, sua morte”.





➔ **Conflitos** bélicos e virtuais denotam o maior temor do homem moderno: seu semelhante